

História Antiga: Relações Interdisciplinares.

Paisagens Urbanas,
Rurais & Sociais

Carmen Soares, José Luís Brandão &
Pedro C. Carvalho (coords.)

RITUAIS, USOS E PAISAGENS FUNERÁRIAS DA NECRÓPOLE DA VIA XVII, EM BRAGA

(Rituals, uses and funerary landscapes in Via XVII necropolis, Braga)

CRISTINA MARIA VILAS BOAS BRAGA (cristina_arqueo@hotmail.com)¹
Universidade do Minho
Lab2PT

RESUMO - A necrópole romana da Via XVII, em Braga, é conhecida desde os anos 50 do século XX, pese embora o carácter descontextualizado dos achados, encontrados no decurso do processo de urbanização nas áreas contíguas.

No ano de 2008/2009, a realização de três intervenções arqueológicas de carácter preventivo, sob a orientação da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM), permitiu identificar um amplo núcleo de necrópole onde decorreram um conjunto de cerimónias fúnebres e de comemoração da memória dos defuntos, utilizado ao longo de mais de seis séculos.

Tendo por base os dados fornecidos pelas escavações, pretendemos explorar os aspetos relacionados com as práticas funerárias de cremação ocorridas em *Bracara Augusta* durante o Alto Império, cruzando a evidência arqueológica com os dados existentes nas fontes escritas que referem as vivências em torno do mundo romano da morte. Para além de destacar os resultados do estudo das sepulturas, das construções funerárias e do material epigráfico disponível, pretendemos apresentar os novos dados recuperados a partir da análise do mobiliário, que nos permitem conhecer mais sobre as práticas funerárias levadas a cabo pela comunidade bracaraugustana, percebendo até que ponto terão sido assimilados os rituais da morte nesta área do império.

PALAVRAS-CHAVE - Necrópole, topografia funerária, marcas rituais, cremação, *Bracara Augusta*, Alto Império

ABSTRACT - The Via XVII necropolis, in Braga, has been known since the 50s of the 20th century, despite the decontextualized nature of the finds recovered during the process of urbanization in the surrounding areas.

In 2008/2009, three archaeological excavations of a preventive nature, supervised by the Unit of Archaeology of the University of Minho (UAUM), identified a large necropolis area where took place a set of funeral and commemoration of memory of the dead, used for over six centuries.

Based on the data provided by the excavations, we intend to explore aspects related to the funerary practices of cremation occurred in *Bracara Augusta* during the imperial period, crossing the archaeological evidence with the data in written sources that refer

¹ Bolseira de doutoramento em Arqueologia SFRH/BD/98413/2013 FCT/UM. Projeto PTDC/HIS-ARQ/121136/2010. Projeto PAB2013-16.

to the experiences around the roman death. We will highlight the results of the different typologies of tombs, the funeral constructions and the available epigraphic material, we intend to present the new data retrieved from the funerary furniture analysis that allow us to learn more about the funeral practices carried out by local community realizing the degree of assimilation of the death rituals in this area of the Empire.

KEYWORDS - Necropolis, funerary topography, ritual marks, cremation, *Bracara Augusta*, Roman imperial period

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo visa a apresentação dos resultados decorrentes do estudo de uma das áreas de enterramento do período romano de Braga - o núcleo de necrópole da Via XVII, um dos quatro sectores de necrópoles conhecidos até ao momento².

A suspeita da sua existência começa a desenhar-se ainda em 1910, quando o erudito bracarense José Teixeira publicita os seus manuscritos intitulados *Planta de Braga e apontamentos arqueológicos*. Na obra é possível verificar a existência de diversas estelas funerárias embutidas nos muros que delimitavam amplos espaços agrícolas que se encontravam nas cercanias da Braga moderna principalmente no sector sul da cidade³.

Entre 1940 e 1970, quando do início dos trabalhos de urbanização no quadrante sudeste do centro histórico da cidade, que decorreram sem qualquer tipo de acompanhamento arqueológico, foi possível recuperar um conjunto de espólio composto por lucernas e estelas, encontradas em associação com a descoberta de sepulturas estruturadas. A pressão imobiliária e construtiva em torno de Braga permitiu comprovar que a cidade contemporânea crescia sobre os espaços de enterramento de cronologia romana⁴.

Em 1981, foram escavadas duas sepulturas de cremação no Largo Carlos Amarante, sob a direção da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, instituição que também conduziu em 1987 os trabalhos de escavação realizados na Cangosta da Palha, onde foi reconhecido um importante conjunto de sepulturas de inumação do período suevo-visigótico⁵. A cerca de 200m a poente desta última área, foi descoberto em 2008 um novo sector com cerca de 5000m², onde foi identificada mais de uma centena de sepulturas de cremação, mausoléus, recintos funerários, sepulturas de inumação e estelas funerárias.

O excelente estado de conservação permitiu ainda o reconhecimento de um

² Braga e Martins 2015: 301.

³ Para consulta: <http://www.bpb.uminho.pt/Default.aspx?tabid=4&pageid=20&lang=pt-PT>

⁴ Sousa 1966: 171/175; Sousa 1973: 13/14.

⁵ Martins e Delgado, 1989/90.

tramo correspondente à Via XVII, nunca antes identificada do ponto de vista arqueológico. Este eixo viário, que ligava a cidade romana de Braga a *Aquae Flaviae* e *Asturica Augusta*, tornou-se no principal elemento dinamizador do desenvolvimento da necrópole uma vez que as distintas estratégias de ocupação do espaço de enterramento se encontram intimamente relacionadas com os diversos arranjos e alterações do traçado da via⁶.

2. BRACARA AVGVSTA E AS SUAS NECRÓPOLES

Bracara Augusta foi uma das mais importantes cidades romanas do NO peninsular, fundada entre 15-13 a.C.⁷. A nova cidade implantou-se num território previamente ocupado e ordenado com base numa rede de povoados fortificados ocupados pela comunidade indígena, que a avaliar pelos dados arqueológicos e epigráficos, desempenharam um importante papel no processo organização e povoamento da cidade⁸.

Como fundação *ex novo*, a cidade contou com planos de organização da malha urbana, não deixando alheio o planeamento da sua periferia mais imediata, nomeadamente das áreas extramuros, onde se ordenavam as necrópoles que se desenvolviam junto das principais vias romanas.

Tal como era regra em diversas cidades romanas do Império, todos os espaços de enterramento romano de Braga surgem implementados em torno do perímetro urbano (Fig. 1). Tal era imposto pela legislação inscrita na Lei das Doze Tábuas, de forma a manter a salubridade e integridade do espaço urbano, definido a partir da demarcação do *pomerium*⁹.

Nos últimos anos, o aumento do número de núcleos identificados por via de escavações arqueológicas e dos trabalhos de investigação potenciou substancialmente aquilo que hoje conhecemos acerca das necrópoles de cronologia romana e tardo-antiga de Braga. Até ao momento, encontram-se identificados para a cidade de Braga quatro grandes núcleos de necrópole, que, pela sua localização, se associariam à passagem das vias principais e secundárias: necrópole de Maximinos (Via XX e XVI), necrópole da Rodovia (Via Braga-Mérida), núcleos em torno do Campo da Vinha (Via XIX/XVIII?), e a necrópole da Via XVII, onde se insere a área escavada do antigo Quarteirão dos Correios, em Braga e o núcleo da Cangosta da Palha¹⁰. O núcleo de necrópole do Quarteirão dos Correios, objeto da nossa exposição, localiza-se no quadrante sudeste da cidade romana, a cerca de 70m de uma possível porta de acesso ao perímetro urbano. Este espaço foi usado ininterruptamente como necrópole desde os finais do

⁶ Martins *et al* 2010; Fontes *et al* 2010a; Fontes *et al* 2010.

⁷ Martins 2010: 185; Redentor 2011 vol.I: 240.

⁸ Martins *et al* 2012: 31-39.

⁹ Hope 2009: 154; Vaquerizo Gil 2011: 96.

¹⁰ Martins *et al* 2010; Martins *et al* 1989/90.

século I a.C. até ao século VI, momento em que esta zona perde a sua funcionalidade funerária, para progressivamente se transformar numa extensa área agrícola ao longo do período alto-medieval¹¹.

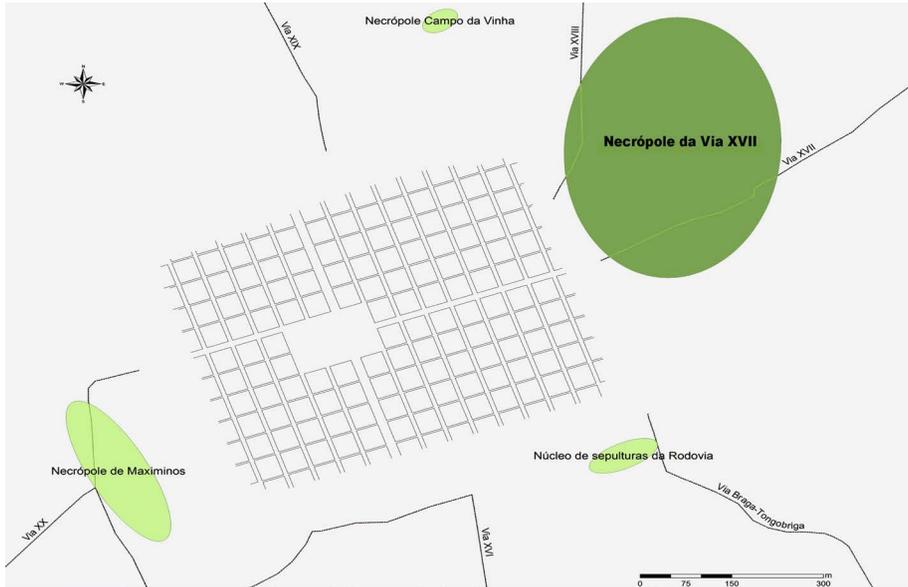


Figura 1. Localização das necrópoles de *Bracara Augusta* no Alto Império.

3. ORGANIZAÇÃO INTERNA DO NÚCLEO DE NECRÓPOLE DA VIA XVII

A escavação deste núcleo permitiu o reconhecimento de evidências que sugerem que o local terá sido previamente preparado para aí se instalar uma necrópole. Foram reconhecidas marcas de desbaste e regularização dos afloramentos rochosos, de forma a ser possível a criação de uma superfície ampla sem qualquer tipo de constrangimento físico na paisagem a partir da via, permitindo também aumentar a área disponível para a implementação de sepulturas. Estas ações terão decorrido num período coincidente com os finais do século I a.C.¹².

A ligação entre os defuntos e os viajantes fazia-se pela proximidade e boa visibilidade que os *loci religiosi* tinham a partir das zonas de acesso ou passagem, pelo que não é estranho que neste núcleo de necrópole as sepulturas mais antigas se concentrem junto dos limites da via.

Na sua maioria, as sepulturas que datam do período de transição da Era apresentam uma estrutura simples, onde se atesta a existência de urnas colocadas numa fossa, acompanhada de espólio funerário, marcadamente de produção

¹¹ Martins *et al* 2010: 199-200.

¹² Braga 2010: 95.

indígena¹³. As sepulturas e as áreas de cremação (*ustrinum*) identificadas encontram-se implementadas preferencialmente no tabuleiro a norte da via, a uma cota média de 180,30m, em contraposição com as parcas sepulturas detetadas a sul do eixo viário que se encontram a cerca de 178,30m.

No que concerne à via romana, nos cerca de 80m em que a mesma foi identificada, verifica-se uma variação altimétrica de cerca 0,61m (entre 181m, a poente e 180,39m, a nascente), mantendo o eixo um desnível pouco acentuado que decresce no sentido O-E.

Os meados do século I inauguram o início do processo de apropriação do espaço, com a construção de recintos funerários de grandes dimensões e de um mausoléu que se destacaria dos demais edifícios pela sua proximidade com a via romana, servindo provavelmente os interesses de destaque social do grupo que o mandou edificar.

Verificamos um aumento do número de sepulturas de cremação, cuja implementação continua a privilegiar a plataforma norte do eixo viário em detrimento da área meridional, onde parece desenhar-se uma ampla esplanada que se situaria na plataforma norte da Fonte do Ídolo, santuário indígena associado à divindade *Tongoenabiagoi*¹⁴.

Nesta fase, foi também reconhecido um muro, orientado NO/SE, a uma distância de cerca 25m a norte da via romana. No nosso entender parece tratar-se de uma estrutura associada à organização interna da necrópole, a partir da qual se começam a organizar distintos taludes de terreno onde se implementavam as sepulturas¹⁵.

O período de maior crescimento no que concerne ao número de sepulturas e de construções funerárias reconhecidas corresponde à 2ª metade do século I, onde se mantêm algumas tendências verificadas nas fases anteriores, tais como, a opção de continuar a sepulturar nos espaços a norte da via, a construção de novos mausoléus, a compartimentação interna dos recintos funerários e a prática de sepulturar nos espaços próximos da via¹⁶. Porém, verifica-se ainda a necessidade de ocupar novos lotes de terreno, pelo que foram identificadas sepulturas implementadas a cerca de 30m da via romana.

O processo de monumentalização do espaço de necrópole passa agora pela colocação de estelas funerárias, dispostas ao longo da Via XVII. A avaliar pela inexistência de sobreposições, cortes ou destruições entre as múltiplas estruturas funerárias recuperadas, julgamos que as estelas não seriam os únicos elementos localizadores das sepulturas, embora os mesmos, provavelmente construídos com materiais perecíveis, tenham desaparecido. Além disso, poderia existir um

¹³ Morais *et al*, 2013: 315; Braga 2010: 87.

¹⁴ Garrido Elena *et al* 2008; Martins *et al* 2010: 180; Redentor vol. I: 344.

¹⁵ Fontes *et al* 2010a: 117.

¹⁶ Braga 2010: 68/99.

controlo eficaz dos lotes destinados ao enterramento mas que até ao momento desconhecemos.

Em termos altimétricos, não se verificam alterações topográficas assinaláveis, pelo que se mantém a regularidade mencionada anteriormente.

O século II marca um ponto de viragem em relação à forma como o espaço era gerido internamente. Desde logo, o que se nota é um decréscimo do número de sepulturas, onde de 61 cremações relativas à fase anterior, passamos para apenas 23 em toda a área intervencionada. No extremo NE do núcleo de necrópole, cerca de 84m a norte da via, foram identificados diversos espaços de cremação (*ustrina*), que poderão indiciar a existência de caminhos internos secundários (*diverticula*) que podiam assegurar a conexão entre a Via XVII e a XVIII. Registamos uma diferença altimétrica de 2m entre as estruturas funerárias mais afastadas e o nível de circulação viário, o que faz supor, mais uma vez, a boa amplitude visual de todo o espaço de necrópole¹⁷. É nesta fase que se constrói um novo mausoléu, implementado num lote existente entre dois monumentos tipologicamente semelhantes, edificados na fase anterior e arrasados ainda em época romana. Porém, a fachada deste novo monumento, encontra-se desalinhada em relação às construções precedentes em cerca de 2,30m, desvio esse que se encontra associado à alteração de traçado da via.

Esta evidência arqueológica é demonstrativa da prevalência do bem público em relação aos interesses ou inviolabilidade do mundo dos mortos, comprovando-se assim que os monumentos funerários não durariam eternamente, conforme seria o desejo de quem os mandava construir.

4. ESTRUTURAS FUNERÁRIAS ASSOCIADAS À CREMAÇÃO

A escavação deste núcleo permitiu identificar pela primeira vez a existência das áreas onde foi erguida a pira (*rogus*) e onde posteriormente se procedeu à cremação do defunto. Estes *ustrina* são facilmente reconhecidos pela formação de uma película avermelhada ou laranja no limite da fossa aberta correspondente à superfície de circulação da necrópole. Sobre essa fossa, acumulavam-se esquirolas e ossos cremados, resquícios da combustão, pelo que também é possível reconhecer restos de espólio calcinado ou derretido¹⁸.

5. AS SEPULTURAS DE CREMAÇÃO

O excelente estado de conservação das sepulturas associadas ao ritual de cremação, aliás, o único ritual identificado neste núcleo de necrópole para o período Alto Imperial, permitiu a elaboração de uma tipologia de sepulturas onde se incluem sete categorias de sepulturas funerárias.

O tipo 1, onde se integram três subtipos, incluiu as sepulturas de estrutura

¹⁷ Braga 2010: 100.

¹⁸ Braga 2010: 58.

simples, sem qualquer urna. Apenas se reconheceu o enchimento composto por carvões, cinzas e ossos cremados, com deposição de espólio funerário. Destacamos uma dessas estruturas (tipo 1C), em que se recuperaram os vestígios de uma caixa em madeira (0,80x0,30m), onde se depositou uma lucerna Loeschcke 1A (Augusto-Tibério), acompanhada de outros objetos de adorno pessoal¹⁹.

Ao tipo 2, correspondem as sepulturas em cova simples com alturas distintas (0,20 - 0,80m) com secções em U, V ou retangulares, onde as urnas se encontram recobertas pelo enchimento resultante da cremação. Nos cinco subtipos identificados foi individualizado espólio funerário distinto, onde se recuperaram lucernas e unguentários em vidro e cerâmica, copos e potinhos em cerâmica e objetos de adorno²⁰.

O terceiro tipo está representado por uma única estrutura, que recolhe paralelos com objetos expostos no Museu Numantino, em Sória. Trata-se de uma sepultura, com cova profunda (1,06m), onde a urna granítica com 0,64m de altura, selada por quatro grampos em ferro, tinha no interior ossos cremados, um unguentário de vidro em forma de gota e uma moeda, cunhada entre os anos 5-3 a.C. em *Celsa Sulpicia*²¹.

No quarto tipo integram-se as sepulturas de cova simples, onde em torno da urna se dispunha uma estrutura pouco estruturada, composta por lascas graníticas, que se assemelham a um tipo de solução construtiva análoga a uma estrutura “tipo cista”²².

As sepulturas que se inserem na categoria 5 encontram-se estruturadas em caixa com paredes e lastro em material laterício, onde o mobiliário funerário surge envolto em carvões e cinzas. Já o tipo 6 integra as sepulturas de planta retangular, construídas com recurso a tijolo, com comprimentos variáveis (1,56 – 2,40m), onde no interior se recolheram os enchimentos de carvões, admitindo ao nível das coberturas os telhados de duas águas ou tijolos dispostos na horizontal²³.

Para o tipo 7, integramos todas as estruturas que funcionaram simultaneamente como espaço de cremação e local de enterramento, que se designam como *busta*²⁴. Esta solução recolhe paralelos em contextos funerários distintos e surge mencionada nas fontes literárias clássicas²⁵.

¹⁹ Morais *et al* 2013: 316; Braga 2010: 54; Martins *et al* 2010: 176.

²⁰ Braga 2010: 55.

²¹ Morais *et al* 2013: 318-320; Braga 2010: 87; Martins *et al* 2009: 43; Abásolo 2002: 153.

²² Braga 2010: 56; Hope 2007: 113; Witteyer 2008: 117.

²³ Braga 2010: 56.

²⁴ Braga 2010: 56-57.

²⁵ Hope 2007: 113.

6. MONUMENTOS FUNERÁRIOS

6.1. Mausoléus

Relativamente a este tipo de construção funerária, e no núcleo de necrópole em análise, foram identificadas quatro estruturas alinhadas ao longo das margens da parte norte da via, criando áreas úteis com cerca de 16m², todas elas construídas em lotes vizinhos e apenas numa área de cerca de 20m (Fig. 2a).

A contiguidade e similitude planimétrica dos mausoléus fazem supor que existiam lotes pré definidos e de dimensões idênticas, já destinados para o efeito, cujos registos ao longo dos distintos períodos de uso do espaço não se devem ter alterado, persistindo as lógicas de gestão da área de enterramento ao longo de cerca de 50/75 anos. Levantamos esta hipótese pois, como referimos, existe um mausoléu construído nos meados do século I, outros dois mausoléus na 2^a metade do século I e o último no século II, e nunca nenhuma das estruturas mais recentes se encontram edificadas sobre as construções precedentes, mesmo depois de se verificar a necessidade de avançar a área dos lotes para norte, o que implicou o arrasamento dos mausoléus e estelas mais antigas à cota média de 180,50m.

6.2. Recintos funerários

No núcleo em análise, foram encontrados seis recintos funerários. Dos alinhamentos conservados, foi possível atestar que em termos construtivos seriam estruturas bastante heterogéneas, exibindo planimetrias distintas que variam entre os 16m² e os 191m², embora em termos construtivos apresentem aparelhos pouco cuidados, construídos com recurso a blocos pouco afeiçoados.

A parca informação disponível até ao momento não nos permite afirmar se estamos perante estruturas de cariz familiar, ou se se trata de uma solução construtiva associada a um qualquer tipo de *collegium*, delimitando um espaço de enterramento de indivíduos agrupados por atividade profissional.

Neste contexto, existe uma exceção para a qual ainda não encontramos qualquer paralelo. Um dos recintos identificados exibia uma planta trapezoidal, com cerca de 14m de comprimento, por 8,60m de largura, onde a compartimentação interior, definida ao longo do século I e II, se consubstancia num total de 12 recetáculos retangulares (2 x 1m), todos revestidos com *opus signinum* (Fig.2b).

A funcionalidade do edifício permanece por apurar, contudo, pela sua localização e contiguidade com outras estruturas funerárias, julgamos que este recinto terá servido para a realização de cerimónias ou de apoio a um qualquer ritual funerário²⁶.

²⁶ Braga 2010: 66-68.



Figura 2. a. Mausoléu de planta quadrangular; b. Recinto funerário de forma trapezoidal (©UAUM).

6.3. Estelas

Na década de 50/60 do século passado, foram recuperados elementos epigráficos associados à necrópole da Via XVII que se encontravam incorporados nos muros das quintas localizadas em torno da periferia do centro histórico de Braga.

Ainda que deslocadas do seu contexto original, é possível constatar que a necrópole foi utilizada por indivíduos e grupos provenientes de distintos estratos sociais, como militares pertencentes à legião VII *Gemina Felix*, ou indivíduos de origem indígena cuja hegemonia é relevante (Fig. 3a e 3b)²⁷.

No decurso das escavações arqueológicas foram também identificadas novas estelas funerárias, apesar de as mesmas terem sido recuperadas em contextos distintos. Um grupo de elementos epigráficos encontrava-se amortizado em enchimentos de preparação da Via XVII e em fossas detriticas, que denota a realização de ações de limpeza da superfície de uso da necrópole. Por outro lado, foi identificado um segundo conjunto de epígrafes recuperadas *in situ*, colocadas com o campo epigráfico voltado para o eixo viário, funcionando, ora como marcos indicadores do início do espaço funerário, perpetuando a memória dos que já haviam falecido, ora como elementos que permitiram aumentar a monumentalização da área de enterramento²⁸.

Neste núcleo de necrópole surge uma estela que é demonstrativa da influência cultural romana sobre a comunidade indígena que habitava a cidade. Trata-se de uma inscrição onde se constata a existência de quatro gerações que se fizeram sepultar na mesma área [CATVRO CAMALI/ MEDITIA MEDAMI/ MEDAMVS CATVRONIS, CVLAECIEN(ses)/ H(ic) S(iti) S(unt)], embora não tenha sido possível precisar o local específico das suas sepulturas (Fig.3 c)²⁹. Esta família, a avaliar pela onomástica, é notoriamente originária de um meio indígena, e adotou, como seu, um dos hábitos funerários romanos mais

²⁷ Tranoy e Le Roux 1989/90: 191-209; Redentor 2011 vol.I e II.

²⁸ Martins *et al* 2010; Fontes *et al* 2010a; Fontes *et al* 2010.

²⁹ Braga 2010: 50; Martins *et al* 2010: 185; Redentor 2011 vol.I: 190.

característicos como são as estelas escritas em latim. Pela necessidade de reforço dos laços de parentesco, supomos que pelo menos os indivíduos mais velhos poderiam ter alguma importância no contexto social da época, ainda que os mesmos não fossem bracaraugustanos, pois identificam-se como *Culaecienses*³⁰, exibindo e reafirmando a sua identidade geográfica e cultural. Ora, também aqui é possível reconhecer alguma similitude com a prática romana de referência à *origo* ou menção da tribo.



Figura 3. Estelas pertencentes ao núcleo de necrópole da XVII (©MDDS³¹ e UAUM).

7. O MOBILIÁRIO FUNERÁRIO COMO INDICADOR DAS PRÁTICAS RITUAIS

É diverso o espólio encontrado em contexto funerário e a sua presença, para além de indispensável para a obtenção de cronologias, permite-nos também uma aproximação às práticas funerárias levadas a cabo pela comunidade bracaraugustana sepultada no núcleo de necrópole da Via XVII, transformando-se o mobiliário em símbolo das suas crenças funerárias e religiosas.

Em diversas sepulturas foram recuperados múltiplos objetos de adorno, como as contas. Porém, destacamos um conjunto de peças retiradas da mesma sepultura que, para além de serem denunciadoras do intercâmbio comercial, são reveladoras dos atributos que os objetos encerrariam sobre si. Trata-se de três amuletos em faiança egípcia: uma ânfora, uma ara e uma figa, que teriam algum tipo de poder apotropaico para o defunto (Fig.4). O conjunto de mobiliário funerário integrava também uma lucerna (augusto-tiberiana), símbolo de luz associado à crença que o morto necessitaria de algo que iluminasse o seu caminho para um mundo totalmente desconhecido.

³⁰ Proposta de leitura de Armando Redentor (2011 vol.II: 165).

³¹ Museu Dom Diogo de Sousa (MDDS).



Figura 4. Conjunto de amuletos em faiança egípcia (©autora).

A influência cultural externa é também perceptível pelo reconhecimento de objetos distintos, como o demonstra a presença de um *kernos* colocado sobre o enchimento de um *ustrinum* (Fig. 5). A peça em questão, cuja forma é de origem grega, estará associada aos rituais libatórios realizados num qualquer momento dos funerais, recolhendo semelhanças com uma peça encontrada na sepultura nº36, da necrópole de Monte Mozinho³². O facto de ter sido produzido com barros locais prova que o mesmo foi manufacturado na cidade por um oleiro que ou conhecia bem a técnica de produção, ou que poderia ser grego, origem que não era estranha no contexto social bracaraugustano, uma vez que os nomes gregos são exibidos em várias estelas³³. Todavia, até ao momento não nos é possível confirmar tal hipótese pela inexistência de marcas de oleiro.



Figura 5. Objeto ritual designado de *kernos* do núcleo de necrópole da Via XVII (©autora).

³² Carvalho 2008: 98-99.

³³ Tranoy e Le Roux 1989/90: 193, 195 e 199; Redentor 2011 vol.I: 134.

A análise das peças cerâmicas e vítreas permitiu ainda a identificação de marcas rituais que surgem com alguma frequência principalmente no mobiliário datado do início do século I, tornando-se tais evidências escassas ao longo do século II.

Essas marcas consistem na abertura intencional de um orifício que surge nas paredes ou nas bases das peças cerâmicas (Fig. 6). O objetivo de tal ação poderá estar relacionado com distintos propósitos, por um lado, com a ideia de libertação do espírito do defunto após a cremação, e por outro, com a realização de uma qualquer prática libatória durante o funeral ou nas festividades anuais em honra dos defuntos³⁴.

Até ao momento não nos é possível reconhecer paralelos desta prática funerária no território português para os contextos funerários romanos, muito embora encontremos semelhanças entre este procedimento e aquele que surge documentado para as necrópoles da cidade de *Lugdunum*³⁵.



Figura 6. Marcas rituais nas urnas da necrópole da Via XVII (©autora).

Cabe, ainda assim, referir que este tipo de orifício é bastante semelhante ao que surge documentado em peças provenientes das escavações realizadas em castros existentes em torno da cidade de *Bracara Augusta*, ainda que tais objetos apresentem cronologias mais recuadas, associadas a contextos datados da Idade do Ferro, nomeadamente o vaso de grandes dimensões do castro do Lago, em Amares (Fig.7a), e o potinho recolhido no balneário pré-romano da estação dos caminhos-de-ferro de Braga (Fig.7b). De salientar, que estas duas peças cerâmicas foram recolhidas *in situ* e interpretadas como peças pertencentes a contextos rituais, sem qualquer associação a espaços de enterramento ou de natureza funerária³⁶.

Se atendermos ao contexto populacional, à globalidade das peças encontradas e à sua cronologia, suspeitamos que esta prática se encontra relacionada com a comunidade indígena local, transformando-se este procedimento numa especificidade ritual singular e importante, que terá sido mantida pelos grupos locais durante a presença romana, numa tentativa de vincar a sua herança ou identidade cultural.

³⁴ Braga 2010: 86.

³⁵ Blazot *et al* 2009: 220-221.

³⁶ Lemos *et al* 2003: 46; Martins 1988: 35.

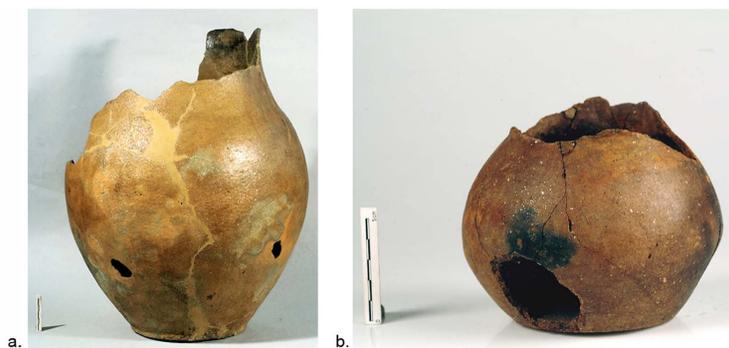


Figura 7. Peças cerâmicas provenientes de contextos da Idade do Ferro, em Braga (©MDDS).

A observação dos conjuntos de mobiliário funerário permitiu a identificação de outras práticas que na nossa opinião tinham como principal propósito provocar intencionalmente o fim de uso das peças (Fig.8). Estas evidências são ilustrativas de ações de forte simbolismo: objetos partidos ou amputados representam peças cuja funcionalidade desaparece, sendo posteriormente substituídas por outras no seu contexto de uso.

É possível atestar a mutilação/ quebra de bordos de peças provenientes de circuitos de importação como aquela que se observa no unguentário de cerâmica (tipo “*bulbous unguentarium*”) de produção itálica, datado dos finais do século I a.C. - primeiras décadas do século I, recolhido numa sepultura de cremação³⁷. Poder-se-ia suspeitar que o bordo se quebrara no decurso do processo de escavação, mas visto que a peça se encontra integrada no enchimento de carvões selado, tal é demonstrativo que o objeto foi depositado após a sua quebra.



Figura 8. Espólio funerário de distintas tipologias com obliteração de partes da peça (©autora).

Outra evidência é a quebra intencional de uma parte constituinte de uma peça cerâmica, como acontece com dois pucarinhos onde lhes foi retirada uma das asas. Na nossa opinião, também a peça mutilada passaria a pertencer ao mundo subterrâneo e aos mortos perdendo a sua funcionalidade ou utilidade.

³⁷ Anderson-Stojanovic 1987: 110-112; Morais *et al* 2013: 316.

Embora nos seja quase impossível reconstituir todos os passos decorridos numa cerimónia fúnebre, visto que a maioria dos procedimentos não produzem evidências físicas passíveis de se recuperarem através do registo arqueológico, existem determinados vestígios que nos sugerem a realização de um dos passos rituais mais conhecidos: os banquetes funerários. A forma como se apresenta depositado o espólio permite-nos perceber quando eram introduzidos determinados objetos durante a cerimónia.

Pelas nossas observações, foi possível constatar duas situações distintas. A primeira sugere que o mobiliário funerário era usado num momento próximo ao final da cremação, onde a peça colocada sobre o enchimento da pira apenas exhibe uma das partes queimada ou chamuscada pelo fogo. Visto que no local da pira já não se produziam temperaturas suscetíveis de causar dano às peças cerâmicas, os objetos mantinham a sua integridade. Contrariamente, existem peças que não apresentam quaisquer marcas de fuligem, estalamentos ou deformações, não exibindo qualquer tipo de marca de uso, pelo que o banquete provavelmente ocorreria num momento bastante posterior ao término da cremação.

Nestas concentrações ou acumulações de peças são reconhecidos púcaros, copos, bilhas, tigelas e taças que permitiam o transporte de alimentos sólidos e líquidos para o espaço de necrópole. A anterior pira transformava-se agora numa área detritica uma vez que estes objetos aí depositados não deveriam retornar para o espaço dedicado aos vivos³⁸.

Existem ainda objetos que exclusivamente acompanhavam os restos osteológicos do defunto. Nestes conjuntos é possível identificar a deposição de unguentários, lucernas e elementos de adorno normalmente depositados no interior das urnas funerárias (Fig.9).



Figura 9. Mobiliário encontrado no interior das urnas funerárias (©autora).

³⁸ Braga 2010: 87.

Existe um objeto que é escasso não só neste núcleo de necrópole como em todos os sectores de enterramento de *Bracara Augusta* – as moedas. Neste núcleo de necrópole da Via XVII apenas foram recuperados quatro numismas, três deles datados dos finais do século I a.C. e um Aes 4 do século II. Ainda assim, relativamente aos poucos exemplares existentes, não sabemos qual seria o momento em que os mesmos eram introduzidos durante a cerimónia fúnebre, o que nos levanta algumas questões relativas ao seu verdadeiro simbolismo. Por um lado, desconhecemos se as moedas foram usadas numa fase pré-funeral, conforme surge documentado no rito de origem grega, e posteriormente depositadas junto aos restos cremados, ou se os numismas em causa apenas se constituem como um amuleto ou elemento viático associado a indivíduos de alto destaque social³⁹.

8. CONCLUSÃO

As necrópoles eram espaços em mudança constante, sofrendo a paisagem funerária cíclicas alterações e readaptações que são também reflexo dos distintos modos de homenagear a memória dos defuntos.

Este trabalho constitui um contributo para o estudo das práticas funerárias ocorridas durante o Alto Império na cidade de Braga, onde foi possível reconhecer algumas especificidades rituais de cariz funerário e identificar novas estruturas funerárias até então desconhecidas no contexto bracaraugustano.

Porém, estas informações correspondem à análise de uma ínfima parte dos núcleos de necrópole de *Bracara Augusta*. Os novos dados, ainda em análise, irão permitir a obtenção de elementos comparativos entre os distintos espaços funerários e aprofundar a análise dos conjuntos de espólio funerário, de forma a tentar perceber se estamos perante gestos funerários específicos, circunscritos e limitados a um determinado núcleo, ou se os mesmos são recorrentes em diversos pontos, ou se apenas se associam a grupos sociais específicos.

BIBLIOGRAFIA

- Abásolo, J. A. (2002), “El Mundo Funerario Romano en el Centro y Norte de Hispana: aspectos diferenciales”. *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Vol. I: 145-162.
- Anderson-Stojanovic, V. (1987), “The chronology and function of ceramic *unguentaria*”, *American Journal of Archeology*. 91: 105-122

³⁹ Arévalo Gonzalez 2010: 29; Arévalo Gonzalez 2010a: 29; García Prósper e Guérin 2002: 213.

- Arévalo Gonzalez (2010), “Interpretación y posibles usos de la moneda en la necrópolis tardo-púnica de Gadir”, *Mainake*, nº.32, 1: 15-36.
- Arévalo Gonzalez (2010a), “Monedas para el más allá. Un primer acercamiento desde la necrópolis de Cádiz”, in *Las necrópolis de Cádiz Apuntes de Arqueología Gaditana en homenaje a J.F. Sibón Olano*. Cádiz, 507-527.
- Blaizot, F., Bel, V., Bonnet, C., Cabanis, M., Caillat, P., Orengo, L., Wittmann, A. (2009), “Les méthodes de l’archéo-anthropologie funéraire”. *Rites funéraires à Lugdunum*. Annexes, 205-228.
- Braga, C. (2010), *Rituais funerários em Bracara Augusta: o novo núcleo de necrópole da Via XVII*, Tese de Mestrado (policopiada). Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- Braga, C.; Martins, M. (2015), “*Bracara Augusta*: rituais e espaços funerários”. *Férvedes* 8: 301-310.
- Carvalho, T. (2008), “As necrópoles de Monte Mozinho. Resultados preliminares”. *Oppidum* número especial: 83-113.
- Fontes, L., Martins, Andrade, F. (2010), “Salvamento de *Bracara Augusta*. Quarteirão dos CTT/Interligação Túnel Avenida da Liberdade (BRA 09 CTT-ITAVL). Relatório Final”. *Trabalhos Arqueológicos da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho - TAUAUM*, 2: 5-305.
- Fontes, L., Martins, M., Sendas, J., Catalão, S. (2010a), “Salvamento de *Bracara Augusta*. Ampliação do Túnel da Avenida da Liberdade (BRA 08-09 TAVL). Relatório Final”. *Trabalhos Arqueológicos da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho - TAUAUM*, 7: 5-1177.
- García Prósper, E., Guérin, P. (2002), “Nuevas aportaciones en torno de la necrópolis romana de la Calle Quart de Valencia (S.II a.C – IV d.C)”. *Actas del Congreso Internacional Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Vol. I: 203-215.
- Garrido Elena, A., Mar, R., Martins, M. (2008), “A Fonte do Ídolo – Análise, interpretação e reconstituição do santuário”, *Bracara Augusta Escavações Arqueológicas* 4: 1-73.
- Hope, V. (2009), *Roman death*. Great Britain, Continuum.
- Hope, V. (2007), *Death in Ancient Rome - A Sourcebook*. USA.
- Lemos, F.; Leite, J.; Bettencourt, A.; Azevedo, M. (2003), “O Balneário Pré-Romano de Braga”, *Al-madan* 12 IIª série: 43-46.
- Martins, M (1988), “O povoado fortificado do Lago, Amares”. *Cadernos de Arqueologia Monografia* 1: 9-154.
- Martins, M., Delgado, M. (1989/90), “As necrópoles de *Bracara Augusta* A – Dados arqueológicos”, *Cadernos de Arqueologia* 6/7: 41-186.

- Martins, M. (2009), “*Bracara Augusta*: panorama da questão sobre o seu urbanismo”, in *Actas Do castro á cidade: a romanización na Gallaecia e na Hispania indoeuropea*. Lugo, 181-211.
- Martins, M., Fontes, L., Braga, C., Braga, J., Magalhães, F., Sendas, J. (2010), “Relatório final dos trabalhos arqueológicos realizados no Quarteirão dos CTT – Avenida da Liberdade”, *Trabalhos Arqueológicos da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho - TAUUUM* 1: 6-1306.
- Martins, M., Ribeiro, J., Magalhães, F., Braga, C. (2012), “Urbanismo e Arquitetura de *Bracara Augusta*. Sociedade, economia e lazer”, in *Evolução da Paisagem urbana: sociedade e economia*. Braga, 29-67.
- Morais, R., Fernández, A., Braga, C. (2013), “Contextos cerámicos de la transición de Era y de la primera mitad del s.I provenientes de la necrópolis de la Via XVII de *Bracara Augusta* (Braga, Portugal)”, *Actes du Congrès d’Amiens - SFECAG*. Marseille, 313-328.
- Redentor, A. (2011), *A cultura epigráfica no Conventus Bracarugustanus (Pars Occidentalis) Percursos pela sociedade brácaro da época romana*, Tese de Doutoramento (policopiada). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vols I e II.
- Sousa, J. J. R. (1966), “Inventário de materiais para a arqueologia bracarense”, *Bracara Augusta* XX nº43-44 (55-56): 165-178.
- Sousa, J. J. R. (1973), “Subsídios para a carta arqueológica de Braga”, *Studia Archeologica* XXIII: 7-28.
- Tranoy, A; Le Roux, P., (1989/90), “Les nécropoles de *Bracara Augusta*. Les inscriptions funéraires”, *Cadernos de Arqueologia* 6/7: 187-230.
- Vaquerizo Gil, D. (2011), “De la agonía al luto. Muerte y *funus* en la *Hispania romana*”, in Pacheco Jiménez, C. (coord.), *La muerte en el tiempo. Arqueología e historia del hecho funerario en la provincia de Toledo*. Talavera de la Reina, 95-125.
- Witteyer, M. (2008), “Le nécropole de Mayence-Weisenau - Une voie pour les vivants et les morts”, *Les Dossiers d’Archéologie*. 330: 114-119.